



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica, 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA", R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

1.º de Dezembro de 1640. Um punhado de bravos sacode e repele o jugo da tirania afrontosa, estrangeira. E a Pátria respirou de novo e alfim o ar bendito da sua libertação.

Tenhamos sempre presente, ante o nosso espírito, essa lição de alevantado civismo. Firmes, crentes no nosso querer e no Futuro da nossa Terra-Mãe, não esqueçamos o exemplo que os heróis de outróra nos legaram. Portugal, ontem como hoje, no Passado como no Futuro, será eterno. A sua História sem rival, Evangelho do mais puro, do mais sagrado heroísmo, bastará para o imortalizar e para apregoar aos séculos e às gerações o seu Destino glorioso!

□ □ □

O PRO VIMARANE não é um jornal que defenda apenas os interesses desta cidade.

A sua acção estende-se a todo o concelho, a todas as freguesias, povoações e lugares que formam este todo, este pedaço de terra que constitue o concelho de Guimarães.

O PRO VIMARANE, seguindo esta ordem geral de ideias, irá até ao seio dessas populações ver, apalpar, conhecer as suas necessidades mais instantes e mais justas.

Mas, para isso, é preciso que toda a gente se esteja connosco nesta cruzada que nos propomos levar a cabo.

Duma maneira clara, sem sofismas, com verdade e só pela verdade, marcamos a nossa posição.

Se há por aí alguém que seguindo este princípio queira colaborar connosco, terá as nossas portas sempre abertas.

E' preciso reagir, mas reagir com firmeza, pondo de parte a putrefacta porca de Bordalo.

□ □ □

OUTRA vez.

Outra vez e quantas forem precisas para que o sr. Director da Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães se resolva a acabar com aquela imunda e repelente sentina que destina aos viajantes que embarcam ou desembarcam em Guimarães.

Vossas excelências, senhores leitores, naturalmente não conhecem de visu aquela estrumeira, e julgarão que exageramos.

Não, não exageramos. Aquilo é tudo quanto há de mais nojento no universo. Pior que as do Teatro Gil Vicente.

Verifiquem e dar-nos-hão razão.

□ □ □

E a marquise?...

Agora está guardada. Para que se não dissesse que era fundida outra vez, foi retirada da fundição e está bem guardada.

Ai não. Se ela fôsse colocada no Toural poderia alguém roubá-la.

Mas, agora a sério: Vem ou não vem a marquise para o Toural?

Resignadamente—oh! resignação que não tens limites!—aguardaremos a resposta.

Em presença dos factos

Quando, há poucos meses ainda, me referi no *Ecos de Guimarães*, à organização das *Gualterianas* e à Comissão que as levou a efeito, lembrei a conveniência de essa Comissão se não dissolver e continuar pugnando pelos interesses desta infeliz terra. Mas, em verdade, não depositava grande confiança em que tal acontecesse. Felizmente, porém, eu vejo agora realizado, e com que satisfação, o que, há alguns meses ainda, não passava de uma vaga promessa do renascimento bairrista dos vimaraneses.

Dessa Comissão de entusiastas que, em menos de 15 dias, levou a efeito a realização das nossas festas, nasceu, como da Fénix, o GRUPO PRO VIMARANE e o jornal. Quem pensaria que a Comissão das Festas tivesse, num curto espaço de tempo, de tomar uma parte tam activa e tam importante na defesa dos brios e dos interesses de Guimarães?

Ninguém, por certo. Mas, em presença dos factos, devemos concordar que se tornava necessário organizar na nossa terra um agrupamento, que, à margem e acima dos partidos e das suas clientelas, pugnas-se única e simplesmente pelo levantamento dos antigos

brios da nossa gente. Só assim, prestando justiça e homenagem a quem por Guimarães alguma coisa fizesse desinteressadamente, se conseguiria algo de proffícuo. A publicação de um jornal completamente independente impunha-se.

E' certo que este movimento tam simpático e tam bairrista não teve aquele acolhimento que era para desejar. Parece que a organização deste agrupamento veio ferir interesses que se não recalçaram, e explodiram em manifestações de mal contido despeito.

Embora! Por Guimarães! pela nossa dama! continuemos a nossa luta. Nada de esmorecer no nosso entusiasmo. E quanto maior for a guerra que se nos faça, tanto melhor ainda E' porque de alguma coisa vale o nosso esforço. E agora que descemos à arêna do combate, em prol de uma causa tam nobre como é a defeza da nossa terra, não esmoreçamos. Só assim poderemos ser os dignos continuadores dos intrépidos entusiastas que, na sua bandeira, levantaram, bordada pelas mãos das Senhoras de então, esta divisa que é bem um grito de revolta e de fé:

—ANTES QUEBRAR QUE TORCER!

VILAFLORES.

Lusíadas.

Lusíadas, Camões — dois nomes que a memória Do Povo Português bem fundo tem gravados, Trofeus de imenso amor, à Pátria conquistados, Belezas do Olimpo e louros da Vitória.

Calam-se as mais brilhantes paginas da História, Da Grécia e de Roma os feitos arrojados, Ao ouvirem Camões, em versos sublimados, Cantar do «nobre luso» a intrepidez e glória.

Epopeia imortal, égide gloriosa, Magestoso padrão de fé religiosa, Que a lusitana gente às Índias levou,

O poema de Camões dirá ao mundo inteiro, O crente, o patriota, o imortal guerreiro, Que em tam sublime lira a Patria celebrou!...

MENDES SIMÕES.

PARA o sr. Carlos Bravo ler.

Conforme prometemos, começamos hoje a refutar certas afirmações do sr. Carlos Bravo, rapaz inteligente e, segundo nos dizem, mas bastante leviano na sua verborreia.

Sua Ex.ª, entrevistado por um jornal de Lisboa, declarou que o novo concelho de Vizela ficaria constituído com uma população de 20.000 habitantes.

Consultamos os alfarrábios e verificamos o seguinte:

A soma total dos habitantes das freguesias que Vizela nos queria arrebanhar, e que formaríamos o novo concelho, é de 12.412. Mas se tirarmos as freguesias que protestam contra a formação do concelho, nem em metade ficaria.

Já vê o sr. Carlos Bravo que calculou mal.

Mas há aqui um factor importante. Lordelo é de todas as freguesias, aquela que tem maior número de almas, mais que qualquer das da povoação de Vizela. Pois foi esta freguesia, a mais importante do pretensio novo concelho, que mais enérgicamente protestou contra a sua criação.

Os elementos de que nos servimos foram colhidos no censo de 1920, o último que se realizou em Portugal.

Por hoje ficamos por aqui.

□ □ □

FOMOS convidados a assistir a uma reunião que se realizou no Quartel de Metralhadoras 2, não tendo nela comparecido por motivos estranhos à nossa vontade.

Por informações que procuramos, soubemos que nessa reunião se protestou contra o facto de um correspondente daqui para um jornal diário, ter dito que se iria mutilar a parte dos Paços dos Duques de Bragança considerada monumento nacional, instalando ali as cavalariças, o que é menos verdade. Pois o que se projéta é a construção de um pavilhão provisório, em terrenos exteriores, até que se resolva a instalação definitiva do quartel. Mas, para isso, é necessário que a Câmara Municipal vote uma verba que chegue para construir o referido pavilhão.

Achamos justa a pretensão e por isso aplaudimos a ideia da instalação provisória, fazendo votos para que num futuro mais ou menos próximo se construa em Guimarães um **quartel**.

□ □ □

ESTEVE entre nós o brilhante escritor Rúi Chianca, que em terras do Brasil tem honrado como poucos o nome português.

Ligando o seu nome a uma iniciativa de tão elevado valor patriótico e literário como é a esplêndida revista «Portugal», que se publica no Rio de Janeiro, dá-nos bem frisantemente a nota do seu grande talento e da sua inquebrantável fé patriótica.

Sua Ex.ª fez uma conferência na Sociedade Martins Sarmento que, dizem-nos, agradeceu absolutamente.

Picadelas...

Cá, ao lado do «Coruja»
Vem também «Mocho» piar.
Um «Mocho» que «garatuja»
Sem saber «garatujar».

E feita a apresentação
Dêste «Mocho» original
Para futuro verão
Se êle pia bem ou mal.

MOCHO.

Escolas Industriais

A aplicação, o aproveitamento dos alunos das actuais escolas industriais do nosso país, tal qual elas estão na sua maior parte organizadas, nunca poderão corresponder às necessidades que delas seria lícito esperar.

E, a meu ver, da boa organização destas escolas, que se avalia o desenvolvimento, o aperfeiçoamento industrial dum povo.

Todos os dias vemos centenas e centenas de operários estrangeiros que, a Portugal, veem montar as nossas fábricas, concertar as nossas máquinas, mostrar-nos enfim quanto valem, abismar-nos com o conhecimento profundo do seu *metier*; e os nossos operários, quanto junto deles trabalham, apenas lhes prestam pequeníssimos auxílios, não sendo raro vê-los boquiabertos, olhando como êles o bram, sorrindo, contentes de si próprios, não tendo uns restos de orgulho, uns fumos de vaidade, uma centelha de brio, que lhes desperte o desejo de saber tanto como êles.

E porquê? Porque a maior parte desconhece até a existência de tais escolas, pois nunca ninguém lhes disse que ali, naquela casa, à noite, fora das suas horas de trabalho, êles poderiam beber os conhecimentos que lhes falta, tornando-se em bons, em excelentes operários.

Mas, também, se procurássemos actualmente canalizar os nossos operários para a escola industrial de Guimarães, o que é que êles aproveitariam? Alguma coisa, certamente, mas nunca aquilo que deveriam aproveitar; porque, onde estão as oficinas na nossa escola para que os operários possam fazer uma aprendizagem prática, completa e perfeita?

E' porisso que eu, conscientemente, afirmo que o atrazo dos nossos operários se deve principalmente senão exclusivamente à falta de escolas industriais.

No estrangeiro, os governos, cõscios de que para atingir o melhor aperfeiçoamento das suas indústrias, seria preciso ter por base inicial a criação de escolas industriais não hesitaram um momento: deram-nas ao seu povo e largamente, mas dotadas de todos os recursos necessários para que, com justiça e sem favor, se lhes possa chamar escolas industriais.

Em Portugal não sucedeu assim. Espalharam, é certo, os governos, algumas escolas industriais pelo país, mas desprovidas de oficinas, daqueles cursos especializados que tanto aproveitam aos operários, não obstante

A PROPÓSITO

duma data gloriosa

Poucos países terão tradições tam gloriosas, tam honrosas e dignificantes como o nosso. E no entanto, em poucos países haverá tam pouco marcado, tam pouco no coração e na memória dos indivíduos, o conhecimento dessas tradições e o correspondente respeito por elas.

Todos nós temos, em horas de convulsão, de perigo, de agitação patriótica, a facilidade de, com mais ou menos nexa, com maior ou menor propriedade, proferir ou escrever palavras ardentes, cheias de entusiasmo e de vigor, fazendo salientar, relembrando factos brilhantes da nossa história, actos imorredouros dos nossos antepassados mais illustres. Logo a seguir, porém, ao momento de agitação e de vibratidade em que foi necessário proferir ou escrever essas palavras, todos nós—sim, todos nós...—recaímos na apatia, na como que sonolência colectiva em que há tantos anos vivemos.

Há duas espécies de patriotismo:—aquele que provém do conhecimento reflectido, consciante, equilibrado, da nossa história, do nosso passado, das nossas necessidades presentes e das futuras, e aquele outro patriotismo fácil, ligeiro, inconsciante e inconsequente de todos os que, à sombra de princípios elevados ou de tradições respeitabilissimas, procuram, não servir a Pátria com desintêresse e abnegação, mas servirem-se a si próprios, às suas ambições menos legítimas e aos seus comensinhos interesses materiais.

São admiráveis as qualidades inatas do povo português. Essas qualidades, porém, teem nas deixado, inteiramente, absolutamente abandonadas, todos quantos teem passado pelas cadeiras do poder. Não há instrução, não há, pelo menos, a decidida e enérgica vontade de estabelecer um regime de instrução elementar, rudimentar, acessível a todos e para todos obrigatório.

Despreza-se inteiramente a questao da hygiene púlica. Em certas terras do país vive-se num meio verdadeiramente latrinário. Não se cuida proficientemente da assistência aos menores, da fiscalização do trabalho que lhes é exigido nos mistêres a que se dedicam ou a que são obrigados a recorrer, não obstante termos,

ter sido êsse o principal fim para que foram criadas.

Existe, é verdade, na escola de Guimarães, além de outros ensinamentos, o de desenho, que é sãbiamente administrado aos alunos pelo distinto professor, sr. Abel Cardoso. Mas isso não basta.

Sabemos que o desenho é um auxiliar importante para todos os officios, principalmente para as quatro artes de construção civil; e, contudo, estamos convencidos de que muito poucos operários o aproveitam. E porquê? Preguntamos novamente. Porque não basta só duma penada legislar; não basta queremos dizer,

já de há muito, promulgados sobre estes problemas vários diplomas que são, indiscutivelmente, perfectos e que estão em harmonia com as necessidades da vida social.

Um povo ignorante, abandonado pelos governantes, arrastado penosamente uma via a que se vai tornando cada vez mais difficil, pode ter, como o nosso, as melhores, as mais puras qualidades, mas não pode, necessariamente, ter, nas condições da vida social de hoje, a capacidade de resistência, o vigor, a energia moral e física que caracterizam os povos fortes e consciantes do seu destino histórico.

No dia de hoje — em que se comemora um dos mais gloriosos factos da nossa história, aquele que mais vincadamente demonstra a indestrutibilidade da nossa Pátria — parecerão, talvez, a muitos, pouco próprias e demasiado scéticas estas palavras. Em consciência, e tam senhores do nosso patriotismo como quaisquer outras, julgamos que, escrevendo-as, prestamos de certo modo um serviço a todos os portugueses, lembrando-lhes, um vez mais, que não bastam tradições gloriosas, páginas doiradas na história da civilização, para tornar um povo digno de si mesmo e merecedor dum futuro próspero.

E' preciso mais alguma coisa: —é preciso que todos, seja qual for a bandeira política ou a religião em que militem, governantes e governados, saibam sempre, em tôdas as situações, não só mostrar-se dignos do passado, mas trabalhar, com energia, com vontade, com decisão e desintêresse, por um futuro melhor.

Portugal não morrerá jamais. Manter-se-há sempre intangível, indestrutível, conservando sempre tôdas as parcelas que o constituem. Resta sòmente que todos os portugueses contribuam para que a sua vida não tenha as difficuldades que tem presentemente e para que não sejam tantas nem tam prejudiciais as lutas, as desavenças, as convulsões que nos teem a todos dividido, fazendo, por vezes, com que nos olhemos com olhos de inimigos declarados e não com a affectuosidade de irmãos.

R.

com um simples decreto, criar sem mais preâmbulos as escolas industriais. Dada a necessidade, já há muito constatada, do ensino técnico elementar nas classes trabalhadoras, precisamos de, por meio da imprensa, por todos os meios ao nosso alcance, encaminhar os nossos operários para a Escola Industrial.

Antes, porém, dê o govêrno a estas escolas os recursos indispensáveis de que carecem, procurando por tôdas as formas torná-las grandes e desenvolvidas, e terá patrioticamente resolvido um dos maiores problemas nacionais. —JOM.

Pios

Arte... a brincar

Esteve há dias entre nós uma companhia de «vaudeville» e comédia musicada (ainda gostavamos de saber a differença que há entre estas duas coisas), tendo à frente o nome duma artista distinta, de cujos dotes histrionicos ninguém p-de duvidar. Essa companhia levou à scena quatro peças; boas ou más, isso é lá com os criticos; o que porém, os seus intérpretes entenderam é que a graça não era de mais e vá, então, de «meter de casa» tudo aquilo que lhes parecia dever provocar o riso, o que em parte conseguiram, num desprezo absoluto por aquella parcela de público que, pagando, se julga no direito de ver teatro.

Tais processos, muito bons para barracões de feira, são impróprios duma companhia que tem no seu elenco autênticos valores, como Cremilda, Sales Ribeiro e António Gomes. Este último especialmente, em diversas peças que o temos visto representar não pode passar sem meter a sua «piadinha» que, diga-se de passagem, raro varia. Sales Ribeiro, num excessivo à vontade, que só provava o quanto o público lhe era indifente, êsse então era vê-lo rir, rir, rir sempre, ainda nas partes mais a sério. E até a talentosa Cremilda que tinha obrigação de mostrar sempre e em qualquer parte o que é e o que vale no teatro musical ou declamado—género êste em que actualmente nos parece estar melhor—até ela, naturalmente para não desmanchar o conjunto, se entretinha a trocar impressões com o ponto e a pôr de vez em quando em relevo, pelo menos assim nos pareceu, os vícios de certo actor.

O público de Guimarães, que nos lembre, nunca usou do tação para premiar o trabalho daqueles que julgam ter acampado em terra de pretos para fazerem tudo o que muito bem lhes der na gana. Não se pena! De me não que já por cá tem passado coisa muito peor, sem, contudo, o público se ter manifestado. E' certo. Mas, ao menos, êsses pobres diabos que por vezes veem até nós num louvavel desejo de levar a vida honestamente, se não fazem Arte, fazem o que sabem e o que podem, o que nos inibe de mais lhe exigirmos.

E' ver, por exemplo, os reiseiros da Maia, almas boas e simples, analfabetos a maior parte deles, que de esforços não empregam, ora vomitando palavras em esgares de boca horripilantes, ora rindo alarvemente em atitudes de palhaço, tudo para agradar ao seu público, única intenção que os leva a pisar o palco!

Que nos perdoe a ilustre actriz Cremilda de Oliveira a comparação que fazemos; o que, porém, queremos pôr em paralelo é a noção de responsabilidade que teem os pobres reiseiros em qualquer parte em que trabalhem e a que teem os artistas da sua companhia... em Guimarães.

Mas isto tem de acabar. Pela nossa parte garantimos que tôdas as vezes que denotarmos pouca consideração pela nossa pessoa e pela «massinha» que esportulamos para termos assento na cadeira dum teatro, perderemos o amor àquella parte do sapato onde apoiamos o calcanhar para, em pancadas successivas, lembrar aos srs. actores que quem paga quer ver Arte a sério. Chamem-lhe, muito embora, educação cavalari; do que, porém, temos a certeza é de que êles não irão, como desta vez, convencidos de que aceitamos tudo como bom.

No entanto, ponhamos os pontos nos i i.

Cremilda, por diversas vezes que mereceu da assistência mais do que as ligeiras palmas que lhe tributaram alguns admiradores do seu talento; aqueles, porém, que não corresponderam foram precisamente os mesmos que riram a bandeiras despregadas daquilo a que nós não achamos graça nenhuma.

E' por isso que aos actores não pode também ser exigida única e inteira responsabilidade pelos abusos cometidos em scena. O ambiente é propicio...

CORUJA.

Eu creio haver corações
que podiam cortar diamantes.

WERTHEIMER.

De pé

A «Velha Guarda», depois de nos ter lançado a luva que nós levantamos, pretende passar nos uma rasteira, pretende lançar-nos numa questão política.

Estavamos prevenidos e portanto seguros. Vimos bem nitidamente a casca de laranja e desviamos-nos dela.

O nosso director, em artigo que publicaremos, marcará nitidamente a sua posição dentro do *Pro Vimarane*.

Pela nossa parte apenas repetimos aquilo que temos escrito muitas vezes: quando escrevemos, temos unicamente em vista a defeza dos interesses de Guimarães, agrade ou desagrade seja a quem for. E porque sempre assim procedemos, e ainda porque só escrevemos, obedecendo à nossa consciência e ao nosso raciocínio, não podíamos deixar a «Velha Guarda» sem a resposta que lhe demos.

Teríamos muito que dizer à «Velha Guarda» sobre a sua última referência ao nosso jornal, mas para que se não maisnem as nossas intenções, entendemos por bem pôr ponto na questão.

SÉRGIO VIDAL.

Ecos distraídos

O «Ecos de Guimarães» *distraído-se*, e caiu numa tremenda *gaffe*. É o que acontece aos *distraídos*.

Foi-se à prosa de V. M. e poz-lhe uma legenda explicando-a. E porquê? Porque reconheceu que ninguém a tinha compreendido. É lógico, evidente.

Mas a *gaffe* em que caiu não foi apenas esta, também aquele que resulta da incoerência das duas prosas.

Sim, porque apesar de toda a boa vontade do *Ecos* em querer justificar o seu colaborador, ninguém pode ler naquele escrito aquilo que o *Ecos* pretende.

Mas ainda há mais. Quem escreveu estas linhas, colaborou por largo lapso de tempo em o «Ecos».

Ali fez o que pôde, e apesar de se ver várias vezes rudemente atacado em outros jornais, nunca foi pedir a ninguém que o defendesse. Bem ou mal nunca deixou alguém sem resposta.

Para concluir, e para responder mais categoricamente ao «Ecos», remetemos o leitor para o nosso último número, terceira página, quarta coluna.

Orfeão Luzitano

No próximo dia 12 visita-nos o Orfeão Luzitano da cidade do Porto que até nós vem, qual bando alado, trazer as vibrações da divina arte.

É o Orfeão Luzitano um grupo coral de nome feito, e que, com a habil regência de Henri que Salgado tem conquistado inúmeros triunfos.

São já hoje raras as ocasiões em que nos é dado passar umas horas de verdadeira arte, por isso

MUSEU

O que nos diz um membro da Comissão

As coisas de arte na nossa terra ainda não conseguiram despertar um átomo de atenção da grande maioria da gente. Tirante uma escassa dúzia de individualidades, ninguém nos proporciona ensejo para que tratemos estes assuntos.

Somos leigos em tal matéria, e por conseguinte ao termos conhecimento da projectada criação de um museu de arte sacra, instalando-o na extinta igreja de Santa Clara, procuramos alguém que nos puzesse ao corrente de tal projecto.

Quem melhor nos poderia informar, era sem dúvida o nosso ilustre conterrâneo, sr. Jerónimo de Almeida, que num gesto de intenso bairrismo conseguiu, com a colaboração de alguns amigos, que a preciosa capela mór daquela igreja—admirável obra de talha do século XVIII—não nos fôsse arrebatada por quem só a queria para negócio.

E, assim, lá fomos à cata de novidades.

Encontramos sua ex.^a, que amavelmente nos recebeu, em sua casa, e que pronta e gentilmente acedeu ao nosso desejo de conhecer a questão. E, naturalmente, surgiu a entrevista...

—V. Ex.^a po e dizer-nos o que há sobre o projectado museu de arte sacra?

—Deixe, primeiro, fazer-lhe um pouco de história. Como sabe, ali por meados de 1924, a Comissão Central de Execução da Lei de Separação mandou proceder à arrematação, em hasta pública, do mobiliário da extinta e antiga igreja de Santa Clara, não se conseguindo obstar a que tal se desse, a-pesar dos esforços empregados pela Sociedade Martins Sarmento.

No acto do leilão organizou-se uma comissão que comprou o retábulo da capela mór e seus acessórios, destinando-o nessa ocasião à igreja da nossa encantadora Penha. Mas como se torna duvidosa a realização de tal projecto, pensou esta comissão, com a concordância das mais autorizadas individualidades da nossa terra, dar realidade a uma ideia que há tempos me surgiu —o museu de arte sacra.

Esta ideia já foi por mim exposta na magnífica revista de arte «Ilustração Moderna» que, segundo informações que tenho, causou uma bela impressão em todos os admiradores de questões arqueológicas.

—O tesouro de Nossa Senhora da Oliveira teria, nesse museu, uma bela instalação, não lhe parece?

—Sem dúvida. Eu sei que há vários alvites quanto a uma mais conveniente instalação do tesouro, como seja, por exemplo, o de o transferir para o actual edificio dos Paços do Concelho, depois da conclusão do novo. Não sendo de todo para desprezar tal ideia, julgo preferível a adaptação da igreja de Santa Clara, para a organização do aludido museu, visto que, desde que se oferece tam preciosa oportunidade, ali teria um mais vasto e glorificado esplendor.

—E assim...
—Foi, animados por este pensamento que constitue, sem dúvida, uma grandiosa e nobilitante obra para a nossa terra, lançamos a público a nossa ideia, notando desde logo que ela tinha uma lisongeira repercussão.
—E com que elementos conta a comissão para levar a cabo tam grandioso empreendimento?

—Com o nosso esforço e boa vontade e com o auxilio de toda a gente.

Sabemos o quão sáfaro é o meio para estes cometimentos artísticos, mas não sei por falta de iniciativa que este se não realizará.

—Tudo quanto hoje existe na igreja de Santa Clara pertence à Comissão?

—Não, meu amigo, apenas é nossa, pois a compramos com dinheiro que conseguimos em subscrição pública, a capela mór; os dois altares laterais, que faziam parte do recheio, pertencem a dois amigos e ainda não são nossos, porque não temos dinheiro para os pagar. É esta a triste verdade. A subscrição que produziu aproximadamente vinte contos, não chegou para isso. Vamos ver o que agora se conseguirá...

Tinha terminado a entrevista com a promessa de que mais informações nos seriam dadas sobre este empreendimento que deve ser ajudado por toda a gente.

A' semelhança do que fizeram outras terras, como Vizeu, Aveiro, Coimbra, etc, organizemos nós também o nosso museu, pois que tantas preciosidades possuímos, e ver-nos hemos assim livres da vergonhosa instalação do tesouro.

SÉRGIO VIDAL.

é de esperar que o nosso teatro se encha completamente.

É preciso que a nossa gente não preste apenas o seu concurso a companhias que para aí nos teem impingido por lebre quanto gato possuem nos seus repertórios. Antecipadamente lhe auguramos boas vindas e um feliz êxito.

Em virtude da aglomeração de trabalho na tipografia onde é impresso o «Pro Vimarane», sai este número com algum atraso, do que pedimos desculpa aos nossos assinantes.

Relatório parcial

O sr. António de Cértima, criatura fadada por Deus para ser autor ou protagonista de *epopeias malditas*, foi, há tempos, encarregado pelo Governo de vir até aos povos do Norte ouvir-lhes as aspirações e julgar dos fundamentos e razões delas. Devia ter vindo animado dos melhores propósitos, certo das responsabilidades que lhe advinham de tal encargo, disposto necessariamente a fazer um relato imparcial e cuidadoso de tudo quanto observasse e de tudo quanto lhe fôsse dito.

Passou S. Ex.^a por Guimarães como gato por brasas. Não ouviu aqui pessoa alguma que pudesse elucidá-lo, informá-lo, contribuir com quaisquer elementos para fazer o seu relatório. Limitou-se a cumprimentar, protocolarmente, o sr. Administrador do Concelho, e nada mais.

Pois, com espanto nosso, acabamos de ver no jornal «O Portugal», órgão officioso da actual situação política, do dia 1 de dezembro, o relatório por S. Ex.^a feito em termos tais e com tal facciosismo que muito legitimamente pode qualquer pensar ter sido êle feito com manifesta má-fé.

Não nos permitem as exigências imperiosas da tipografia o fazermos ainda neste número a análise do monstro produzido pelo novel e esperançoso escritor. Mas nem S. Ex.^a nem os seus amigos de Vizela perderão pela demora. Nesta ocasião, como em tantas outras, saberão todos os vimaranenses manter intacto o que sendo muito de todos êles, não lhe pode ser arrebatado por quaisquer aventureiros, nem negado por qualquer literato de meia tijela.

Porque seria?

Com grande surpresa nossa, recebemos pelo correio cintado, atado, lacrado e registado, um pequeno embrulho contendo o suplemento ao numero um e o n.º dois do nosso periodico.

Era seu remetente um nosso antigo assinante do extremo sul do concelho.

Para que tantas cautelas? É porque não nos seria devolvido o n.º 1.

Vamos consultar o Rabestana e informaremos os nossos leitores.

Desde já fica prevenida a pessoa a quem nos referimos de que lhe vamos enviar o presente numero, dispensando-o desde já de o devolver, pois que riscamos o seu nome do numero dos nossos assinantes.

PÁGINA LITERÁRIA

Da minha seara

Pela MULHER!

Se a mulher estivesse suficientemente educada, e as fábricas e as oficinas fôsem mais subordinadas a um regimen moral-sociológico, capaz de fortalecer melhor o seu espírito, não a veríamos nós, a cada passo, entregues a uma ociosidade tremenda e perigosa que caracteriza bem o desenvolvimento da sociedade.

Há muitos anos que se grita, forte e alto, na tribuna e na imprensa, para que se melhorem as condições morais e higiénicas do nosso trabalho, legislando-se de maneira a tornar a vida dos indivíduos mais suave, saindo do ramelão em que se parece viver eternamente, dando a cada família a garantia segura de melhor futuro, pois a civilização e o progresso assim o exigem para o bom aperfeiçoamento dos povos. Mas, infelizmente, assim não acontece, embora se diga que a legislação portuguesa basta para defender de abusos a nossa mulher, escrava de todos, desde o trabalho pesado, por isso mesmo, imoral, até à força estúpida do homem, que continua a intitular-se o seu «senhor», não por ignorância, mas por malvades de instinto e, ainda, por falta de cultura, porque só assim se explica a barbaridade com que ainda hoje são tratadas em geral, apenas vendo em nós a presa dos seus caprichos e dos seus gostos.

No dia em que formos mais respeitadas e reconhecidas os nossos direitos perante a lei, pode dizer-se com mais verdade que se atingiu a perfeição, se não em absoluto, pelo menos em grande parte. Teremos dado um passo gigante na vanguarda da civilização, porque se é um bem individual que só vantagens traz, é também a grandeza bendita desta Pátria pela qual a Mulher teve sempre, e em todos os tempos, um fervor tam português que a História regista, fulgurante e belo, lado a lado dos heróis conhecidos e anónimos.

Como não posso alongar-me em virtude do espaço limitado, tenho de deixar para outras vezes mais completas considerações, tendo, pots, de fazer ponto final.

Dezembro de 1926.

MARIA CLARA.

— Adorar as crianças, beijá-las quando estendem para nós os bracitos tenros, — risos em flor a perfumarem as almas das Mães, — é crer na Vida, na Beleza, em Deus — porque elas são para quem sente as andorinhas do Lar, cujo ninho nimbado de Amor é um poema de ternura e de poesia.

DEUS!

VERBO DIVINO QUE OS OLHOS DA ALMA VÊEM EM TODA A SUA GRANDEZA E MAGESTADE! SOPRO DE AMOR A ENCHER DE ESPERANÇA OS FRACOS E OS OPRIMIDOS, OS POBRES E OS QUE SOFREM; BEIJO FRATERNAL A UNIR NO ALÉM OS INIMIGOS E OS MAUS — AQUELES A QUEM O ÓDIO CEGA E A INVEJA ARRASTA PELOS TURBILHÕES DA REVOLTA E DA INIQUIDADE, DA MISÉRIA E DA MENTIRA SOCIAIS. PAI DOS POBRES DE ESPÍRITO Cujá LUZ INTENSA LHE ILUMINA OS CORAÇÕES DE BONDADÉ, DE HUMILDADÉ E DE PERDÃO; CRIADOR SUPRÊMO DO HOMEM QUE O ASSASSINOU, PREGANDO-O NO INFAMANTE MADEIRO QUE É, HÁ XX SÉCULOS, OUTRO CALVÁRIO POR ONDE A HUMANIDADE CAMINHA VERGADA AO PÊSO DOS SEUS CRIMES E MONSTRUOSIDADES...

JORGE DE AZURÉM.

CANÇÃO DO INVERNO

Lá fora o vento assobia,
fustiga a chuva as vidraças.
E' noite. Que noite fria,
meu Deus! e tantas desgraças!

Quantos míseros, coitados,
— a dôr cruel não os poupa; —
dormem na enxerga, gelados,
sem o concheço da roupa!

E quantos, nas horas mortas,
vagueiam por aí além...
ou dormem no vão das portas,
e tem a noite por mãe!

Quantos sem pão e sem lume
gemem com fome e com frio,
sob o insondável negrume
do céu álgido, bravo!

Quantos no mar, sôbre as ondas,
— pobres náufragos — lá vão,
arrastados nas hediondas
garras negras do tufão!...

Quantos, longe, em terra alheia,
sem a esp'rança de voltar,
na mágua que os alanceia,
choram, lembrando o seu lar!

Quantos gritam nos presídios
sob o ferro dos grilhões.
O sangue dos homicidas
fulmina os de maldições!

Quantos peitos ressequidos!
Quantas lágrimas em flor!
Ai! pobres dos oprimidos!
Ai! tristes dos sem-amor!

Guimarães, 19-XI-926.

(Inédito)

ARNALDO BEZERRA.

Máximas & Pensamentos

A ociosidade é frequentemente a agulha que cose a sacola do mendigo.

Mais quero mil vezes aos sistemas que afirmam, com todos os seus inconvenientes, do que aos sistemas que duvidam com todas as suas vantagens

A família pode curtir dores mas a esposa, a mãe, será o anjo que sustenta corajoso o calix do sofrimento.

P. SENA FREITAS.

O infortúnio é como os covardes: persegue aqueles que vê tremar, e foge quando o esperam a pé firme.

CAMILO.

Hoje, cada qual precisa "duma", virtude apenas: dinheiro; tendo-a, possuem-se tôdas as outras.

O coração do homem é uma lira de sete cordas: seis para a tristeza e uma só para a alegria. Esta última, porém, raríssimas vezes vibra.

ABADE ROUX.

Miniaturas

MARIA

Não te recrimino. Descança. A culpa foi minha, só minha: a de te ter julgado um anjo, um modelo de constância, quando, afinal... eras como tôdas as outras, talvez peor, bem peor que as demais.

Fitando longamente, demoradamente por vezes, a estrela do meu Destino, perguntava a mim próprio, o que serias tu amanhã na senda misteriosa do meu Futuro.

Louco que fui!

Iludido andei. Vi apagar-se o brilho dessa estrela. E de face com a realidade, só ruínas encontro hoje á minha volta... cinzas dum amor jurado, dum amor que julguei sincero, mas que, ai de mim!, era igual, bem mais preverso do que o das outras.

Leviana, eu julguei que essa leviandade não era real, mas sim o produto necessário, a resultante lógica da tua juventude.

Leviandade? Não... simplesmente a loucura dêsse 20 anos travêssos. Assim julgava eu. A realidade porém era outra.

Não te recrimino. Lamento-te. Tudo acabou entre nós. O esquecimento virá.

Foste para mim, um ligeiro episódio na vida... uma página que se arrancou dum livro abandonado e que ninguém quer ler... folha de arvore que o vento do Destino arrastou para longe... talvez assim como que a fragrância duma flor que alguém cortou e desfez, como cortada e desfeita ficou a minha vida, nesta página de memórias que agora fecho.

1926.

RUY DE LANCASTRE.

Conselho de Administração

Na reunião há dias realisada na nossa redacção, foi eleito o Conselho de Administração do nosso jornal que ficou assim constituído:

Presidente: — Antonio d' Almeida; Secretário: — João S. S. Ribeiro; Tesoureiro: — João Dias P. Castro; Vogaes: — Aurélio Ferra e José R. Faria Abreu.

Assinar o "Pro Vimarane", é contribuir para o desenvolvimento moral e material da nossa terra, defendendo-a de todos os inimigos.